

**Freud e Johnson-Laird:
Modelos Mentais no «Caso Dora»**

Luis Barreiros¹⁰⁰

INTRODUÇÃO

O objectivo do presente trabalho visa abrir pistas de reflexão sobre possíveis pontos de contacto em torno de alguns conceitos-chave da psicopatologia cognitiva e da psicanálise.

Procura-se, assim, determinar até que ponto e de que modo algumas das interpretações e conceitos da teoria psicanalítica podem ser articuladas com alguns dos conceitos e enfoques da teoria cognitiva.

Como ilustração desta tentativa procuraremos simular um dos casos clínicos de Freud, o caso Dora (Freud, 1996f), à luz da teoria dos modelos mentais, de Johnson-Laird (Johnson-Laird, 2000).

CAPÍTULO 1

Dora é uma rapariga na fase final da adolescência, consultada por Freud a pedido expresso do pai. É-lhe diagnosticada uma histeria. Numa análise de cerca de três meses, Freud reconduz Dora ao seu contexto familiar, contexto que perpassa no discurso da paciente em torno das figuras da mãe, do pai e do irmão. Primos e primas, tanto por parte da mãe quanto por parte do pai são evocados também ao longo de toda a análise. Na família nuclear, a mãe é das três figuras a que menos importância assume na análise de Freud.

A causa despoletadora das crises histéricas, segundo Freud, prende-se com o desejo amoroso do amigo do pai de Dora, Sr. K, pela rapariga, desejo não correspondido manifestamente por parte da mesma. Dora deseja o Sr K, mas não o assume. Afinal, os dois homens estariam combinados

¹⁰⁰ Antropólogo e doutorando do ISPA – Universidade Nova de Lisboa.

numa associação de interesses, desejando o pai de Dora a Sra. K, esposa do Sr. K, dando em troca a própria filha ao Sr K – eis a acusação de Dora. Numa das duas interpretações de Freud, Dora padece de um amor recalcado pelo próprio pai, facto que a leva a não assumir o próprio desejo pelo Sr. K.

Com este caso dois dos grandes baluartes da teoria psicanalítica são expostos por Freud: o papel dos sonhos na revelação das pulsões inconscientes e o fenómeno da transferência, inevitável na relação analista-analisando. O primeiro já exposto na *Interpretação dos Sonhos*, de 1900 (Freud, 1996a; 1996b), é aqui confirmado em dois dos sonhos de Dora durante a análise; o segundo – a transferência –, é descoberto precisamente neste caso da forma menos feliz quando Dora resolve terminar abruptamente as sessões de análise até então levadas a cabo com Freud. O criador da psicanálise auto-recrimina-se, no fim, por não ter descoberto a tempo a transferência negativa que então se desenrolava entre Dora e ele.

CAPÍTULO 2

É particularmente centrada no tema dos raciocínios dedutivos que Quelhas analisa as duas principais teorias cognitivas que na actualidade mais peso têm na psicologia do raciocínio – a teoria dos esquemas pragmáticos e a teoria dos modelos mentais (Quelhas, 2000: 19-20)

Segundo Quelhas (Quelhas, 2000: 19-20), a teoria dos modelos mentais desenvolve-se sobretudo a partir dos trabalhos de Johnson-Laird (*Johnson-Laird, 1983) e a teoria dos esquemas cognitivos a partir dos trabalhos de Cheng e Holyoak (*Cheng & *Holyoak, 1985; ; *Cheng & *Holyoak, 1989). Os modelos mentais representam estados de coisas interpretadas e respectivas operações decorrentes dos mesmos e os esquemas pragmáticos centram-se sobretudo na procura de significados sociais interferentes na resolução dos problemas propostos aos sujeitos em experimentação. A teoria dos esquemas mentais centra-se sobretudo no domínio da competência dedutiva, a teoria dos esquemas pragmáticos no domínio da análise das dimensões sociais do raciocínio. Quelhas defende uma tentativa de articulação entre as duas teorias de forma a perspectivar uma maior

abrangência dos processos inerentes ao raciocínio humano (Quelhas, 2000: 19-20).

Que dimensões do discurso narrado no caso Dora serão passíveis de ilustrar esquemas de raciocínio pragmáticos e que dimensões serão passíveis de ilustrar os modelos mentais de Freud e de Dora em confronto? Permitirão estes esquemas em articulação expressar processos do inconsciente tal como Freud o descreveu? Ou serão eles constitutivos do próprio inconsciente? Em caso afirmativo, será o inconsciente melhor descrito como uma *segunda consciência* ou um *segundo estado de consciência*, para recuperar duas das expressões empregues por Freud nos seus primeiros trabalhos (Freud, 1996e: 195-196)? Se sim, não seria preferível falar em vários «estados de consciência» traduzidos por vários modelos mentais e esquemas pragmáticos em articulação e interferência mútua? Estará a reacção de Freud à perda de Dora no processo analítico ao alcance da descrição de algum modelo mental em particular? Privilegiaremos a teoria dos modelos mentais por forma a colocarmos em perspectiva algumas destas questões.

CAPÍTULO 3

Após cerca de três meses Dora desiste, para surpresa de Freud, da análise até então levada a cabo. Segundo Freud, tudo se prendeu com a transferência. Após Freud ter focado novamente a atenção da rapariga no facto de ela não admitir que a proposta de casamento do Sr K era a sério, Dora despede-se para não mais voltar. Freud interpreta isto como um indubitável acto de vingança contra ele. Freud ocupava no inconsciente de Dora o lugar do Sr K e do próprio pai da rapariga. No balanço que faz do caso, após o ocorrido, o criador da psicanálise dá uma das primeiras definições do fenómeno da transferência que se mantém até hoje:

O que são as transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do género) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico (Freud, 1996f: 111)

Tentemos agora encarar a transferência¹⁰¹ como um «modelo mental» proposto por Freud, embora cientes de que há mais do que um modelo mental segundo a teoria de Johnson-Laird. Recordemos agora uma ideia central de Johnson-Laird e Byrne [(Johnson-Laird, 1983: ; Johnson-Laird & Byrne, 1993) in (Quelhas, 2000)] de acordo com os quais

(...) na teoria dos modelos mentais, a particularidade dos modelos reside no facto de serem encarados como modelos mentais com uma estrutura idêntica às concepções humanas das situações que representam. Os modelos mentais podem ser imagens visuais, e podem não ser acessíveis à consciência. O conteúdo do modelo pode ser avaliável pela consciência, ao passo que o processo de inferência e o formato da representação mental nunca são totalmente acessíveis. Não obstante, a sua estrutura é análoga à do estado de coisas que representam (Quelhas, 2000: 59)

Continuemos a nossa simulação. Se a transferência for encarada como um modelo mental, então ela apresentará uma estrutura idêntica às concepções humanas em curso na sessão analítica. As concepções humanas, aqui, serão aquelas veiculadas por Freud e por Dora. O modelo contém imagens visuais, quer aquelas recordadas por Dora na sua vida vigíl, quer aquelas que compõem os sonhos relatados. Ao alcance da consciência está o conteúdo do modelo - as várias situações relatadas por Dora e as interpretações de Freud -, mas o processo de inferência e o formato das representações mentais só parcialmente são acessíveis à consciência. Nesta perspectiva, o problema da análise terminável e interminável (Freud, 1996c) e o tempo de acesso aos conteúdos inconscientes poderia talvez ser

¹⁰¹ Note-se como o processo transferencial entendido, fundamentalmente, como a substituição inconsciente das pessoas mais significativas na vida do analisando (os pais) pela figura do analista se aproxima do conceito de *raciocínio paleológico* de Arieti (Arieti, 1974), conceito adaptado a partir do conceito de *raciocínio paralógico* de Von Domarus (Von Domarus, 1944) (cf Quelhas, 2000: 39-40). Na transferência, tal como no raciocínio paralógico, os princípios da lógica tradicional são anulados, nomeadamente o princípio da identidade de acordo com o qual A é sempre A e nunca B (na transferência o pai de Dora “é” Freud), o princípio de contradição segundo o qual A não pode ser A e não-A simultaneamente (na transferência, Freud “é” o Sr K, mediante a partilha de uma qualidade: ambos fumam, e Dora revela o desejo de ser beijada por Freud quando refere o cheiro a fumo no sonho do incêndio da casa paterna, desejando portanto ser beijada pelo Sr K) e, finalmente, o princípio do terceiro excluído segundo o qual A é A ou não-A, princípio violado neste fenómeno a partir do momento em que A pode ser B segundo algum aspecto.

equacionado em função da acessibilidade parcial da consciência aos processos inferenciais e representações mentais que organizam em parte as interpretações no processo transferencial.

No entanto precisamos, acima de tudo, colher no discurso narrado de Freud algum tipo de raciocínio que nos sirva de guia na detecção de possíveis modelos mentais empregues quer por Freud, quer por Dora. Procuraremos a conclusão do caso, segundo as palavras do próprio Freud, para tentarmos juntamente com o autor recuar às premissas desta análise.

Ora, a conclusão versa somente sobre as consequências negativas do não reconhecimento atempado dos sinais da transferência, nomeadamente negativa. Tem todo o interesse, particularmente devido ao facto de se tratar da descoberta deste fenómeno, o que leva Freud a analisar com bastante mais detalhe os hipotéticos raciocínios que terão estado na base da desistência de Dora. Após uma *exaustiva* análise das possíveis causas do falhanço, Freud questiona-se:

Será que eu poderia ter conservado a moça em tratamento, se tivesse eu mesmo representado um papel, se exagerasse o valor de sua permanência para mim e lhe mostrasse um interesse caloroso que, mesmo atenuado por minha posição de médico, teria equivalido a um substituto da ternura por que ela ansiava? Não sei (Freud, 1996f: 106)

Ou seja, estamos no domínio dos modelos mentais perante um contra-factual¹⁰² por parte de Freud. O factual seria “Dora desistiu da análise”.

¹⁰² Num contrafactual, (...) elaboramos simulações mentais de situações do passado, nas quais as coisas ocorrem de uma forma diferente daquilo que aconteceu na realidade, ou seja, pensamos sobre as possibilidades que contradizem aos factos, i.e., pensamos contrafactualmente (Juhos, Quelhas, & Senos, 2003: 200). Mas mais precisamente, Freud parece ter produzido um contrafactual aditivo: “Uma outra forma de categorizar os contrafactuais baseia-se na estrutura interna destes pensamentos, onde o procedimento que é exercido sobre o antecedente é a questão fundamental. Este procedimento pode consistir na adição ou na eliminação do antecedente. O primeiro resulta num contrafactual aditivo, em que um elemento novo é adicionado ao cenário” (Juhos et al., 2003: 201). Aquilo sobre o qual Freud especula após o balanço do fracasso do caso Dora é essencialmente sobre o que deveria ter feito a fim de ter evitado a interrupção das sessões por parte de Dora, ou seja, Freud adiciona aos procedimentos terapêuticos usados aqueles que poderiam ter feito a diferença. Ora bem, o que se verifica a partir do caso Dora durante o resto da obra de Freud e até mesmo aos dias de hoje por parte dos maiores analistas é uma constante avaliação dos procedimentos mais apurados a fim de detectar e manusear a transferência. Com esta observação pretendemos chamar a atenção para a eventual utilidade da análise dos contrafactuais na detecção da transferência.

Freud analisa exaustivamente as premissas na base do estado de coisas representado no modelo mental que preside à sua conclusão. Isto é, raciocina sobre as razões que poderiam ter evitado que este facto tivesse acontecido. À partida, parece-nos que o modelo mental vigente nesta conclusão é do tipo: «se p , então q », ou seja, «se Freud tivesse reconhecido atempadamente a transferência, então Dora teria continuado em análise». Que poderia Freud ter feito para o evitar?

Segundo Johnson-Laird, « (...) fazer uma inferência é como construir um modelo mental do estado de coisas descrito nas premissas, e então buscar as variantes deste modelo para descobrir se existem quaisquer conclusões que devam ser verdadeiras» (Johnson-Laird, 1992: 207).

As premissas da inferência de Freud, segundo a teoria de Johnson-Laird, poderiam então ser representadas segundo a condicional «se p , então q » no seguinte modelo:

p	q
$\neg p$	q
$\neg p$	$\neg q$

O problema que se coloca, neste momento, parece-nos ser o de a partir dos modelos mentais acima expostos conseguir colocar em conflito aqueles que poderiam ser os modelos mentais de Dora e os que poderiam ser os modelos mentais de Freud, a fim de simular o melhor possível a própria transferência. De acordo com a definição de Johnson-Laird, já sabemos que cada condicional acima apresentada representa um modelo mental e cada modelo mental representa as distintas possibilidades de compatibilizar as premissas com o estado de coisas descrito (Giroto, Johnson-Laird, Legrenzi, & Sonino, 2000: 88) ou, mais explicitamente ainda, *The theory of mental models postulates that the principal representations used in thinking are models of the world. Each model corresponds to a possibility* (Johnson-Laird, 2000: 19). Inevitável se torna concluir que quantos mais os modelos mentais em jogo, maiores as probabilidades de enfiamentos e erros inferenciais de raciocínio (cf Johnson-Laird, 1992: 209; Johnson-Laird, 2000: 24).

Freud analisou, e o seu contrafactual é disso exemplo, as razões que terão levado à desistência de Dora. Mas devemos notar que a condicional «se p , então q » tal como a definimos, implica uma análise tanto da responsabilidade de Freud quanto da responsabilidade de Dora em todo o caso. Recordemo-nos da transferência.

Assim sendo a questão complica-se um pouco mais, pois teríamos que converter o modelo mental com representação condicional que inicialmente atribuímos a Freud num outro modelo mental com representação bi-condicional do tipo « p se e apenas se q ». Johnson-Laird atribui esta expressão à bi-condicional procedendo à explicação detalhada da construção do seu modelo explícito completo (cf Johnson-Laird, 2000: 22).

O que equivaleria concluir que Freud só descobriria a transferência atempadamente *se e apenas se* Dora não desistisse. Ora, isto implicaria uma análise exaustiva, por Freud, quer do antecedente quer do consequente da bi-condicional¹⁰³. Mas esta bi-condicional já é ela própria representada num *Modus Ponens* assente na invalidação dos contra-exemplos do modelo « $\neg p \vee q$ », ou seja, «se Freud não tivesse reconhecido atempadamente a transferência, então Dora teria continuado em análise». Segundo a teoria de Johnson-Laird, prevemos que este modelo mental – enquanto contra-exemplo invalidado – terá ocorrido antes da formulação da bi-condicional « $p \vee q$ » que constituiu a conclusão de Freud. O que significa que permaneceu inconsciente na medida em que permaneceu implícito no modelo conclusivo. Já o referimos mais acima, é uma bi-condicional com representação exaustiva do antecedente e do consequente. Temos agora que mostrar o que entender por representação *exaustiva* no modelo freudiano da transferência.

¹⁰³ Se fosse este o estado de coisas, então poderíamos concluir provisoriamente que o fenómeno transferencial nunca está ao alcance das representações condicionais que eventualmente apareçam no discurso dos sujeitos em análise, mas apenas e só nos modelos mentais com representação bi-condicional. As representações bi-condicionais permitem deste modo a representação quer do analista, quer do analisando, no mesmo modelo mental comum a ambos. Do mesmo modo, coerentemente, seria de esperar que a abundância de condicionais no discurso do sujeito em análise permitisse antever uma grande resistência ao processo de transferência. É que os modelos mentais bi-condicionais parecem permitir uma rectroactividade entre o antecedente e o consequente, rectroactividade que coloca inevitavelmente em jogo as acções daqueles com os quais o sujeito se encontra emocionalmente envolvido.

Vamos colocar, agora, a questão que nos vai guiar do seguinte modo: na análise da transferência e na perspectiva da teoria dos modelos mentais como passar de uma asserção conectiva a uma asserção com quantificadores? Para tal temos que supôr que esta questão tem a sua formulação equivalente numa outra forma: como tornar explícitos todos os modelos mentais que coloquem Freud e Dora na mesma linha (*arrow*) de cada modelo?

Johnson-Laird defende que a representação de uma asserção condicional é muito próxima da representação de uma asserção quantificada, usando para tal um exemplo retirado de experiências de atribuição, por pares, de triângulos a círculos (cf Johnson-Laird, 2000: 21-22). A tese de Johnson-Laird prima pela seguinte conclusão:

We emphasize that each row in the models of these quantified assertions represents a different pair in the same situation, whereas each row in the models based on the connectives represents an alternative possibility (Johnson-Laird, 2000: 22).

Ora é este estado de coisas que é representado na transferência: ambos, analista e analisando, estão conjugados de modos diferentes, isto é, em pares diferentes, sempre na mesma situação, à medida que a análise avança. Os pares diferentes correspondem às diferentes figuras parentais (analista/analisando $\leftrightarrow$ pai/analisando, mãe/analisando, etc) que investem (representam) sempre a mesma situação (o complexo de Édipo). O complexo de Édipo é o cenário descrito com diferentes modelos mentais.

Passemos, então, à simulação. Recordemo-nos da definição freudiana da transferência, segundo a qual o analista substitui as pessoas mais significativas na vida do analisando.

Sendo o cenário uma representação do Édipo, esta será tida como a mais aproximada do estado de coisas existente na medida em que Freud representar em cada fase da análise as figuras mais importantes na vida de Dora. Estas figuras serão as da família nuclear: pai, mãe e irmão. Logo em seguida, porque directamente implicadas no discurso de Dora, serão também o Sr. K e a Sra. K. Na mesma perspectiva teríamos também que incluir

todas as outras figuras de cariz aparentemente mais secundário: as primas e os primos e as criadas quer da casa do pai, quer da casa do sr K. Para efeitos de simplificação da nossa simulação, consideraremos apenas as figuras da família nuclear e o sr K.

O contra-factual de Freud foi por nós considerado na perspectiva de uma condicional e, depois, de uma bi-condicional.

Vamos agora considerar que a condicional «se p, então q» pode ser generalizada ao caso Dora na seguinte forma: «se Freud, então Dora» ou «se F, então D». Esta representação descreveria o seguinte estado de coisas: cada vez que Freud dá a Dora algum sentimento (amor, ódio, carinho, ternura, etc.) que mais o aproxime de alguma figura parental Dora representa Freud com a figura parental que mais caracterizada seja pelo respectivo sentimento. Com manifestações de ternura nas interpretações Freud pode ser representado como o pai de Dora; com manifestações mais agressivas nas interpretações tendendo a mostrar a Dora o seu amor recalcado pelo sr. K, Freud pode ser representado como a mãe de Dora; mas note-se que a agressividade nas interpretações pode ser remetida no modelo mental de Dora para a representação de Freud pela figura do irmão de Dora na medida em que este aprovava as tendências amorosas do pai pela sr^a K. Com manifestações ternurentas nas interpretações, Freud pode também ser representado como o amado de Dora na medida em que seja representado pelo sr K. Outras combinações seriam possíveis, na medida em que mais actores fossem considerados no cenário.

Freud defronta-se com uma bi-condicional no contrafactual acima referido quando tem que considerar a totalidade explícita das figuras parentais e co-parentais mais importantes na vida de Dora, figuras nas quais terá sido representado em diferentes momentos da análise. Quando Freud se apercebe disto, a representação do antecedente e do conseqüente da sua condicional torna-se *exaustiva* assumindo a forma de uma bi-condicional.

Como representar este estado de coisas no contexto da teoria dos modelos mentais de Johnson-Laird?

Vamos assumir (cf Johnson-Laird, 2000: 21) que a condicional «se F, então D» (que é também uma bi-condicional) está relacionada com o significado da seguinte asserção *quantificada*:

Todas as figuras de parentesco de Dora estão em Freud.

Designemos o domínio das figuras de parentesco possíveis por P , assumindo cada figura em particular o valor n . Na nossa simulação ficaríamos então com as seguintes figuras $P = \{\text{pai, mãe, irmão, amigo}\}$ e $P_n = \{\text{pai de Dora, mãe de Dora, irmão de Dora, sr K}\}$

Então a asserção quantificada «todas as figuras de parentesco de Dora estão em Freud» significaria que Freud desempenha de algum modo todos estes papéis para Dora, e seria representado, no domínio do parentesco em termos inconscientes, da seguinte maneira:

Freud = pai de Dora = mãe de Dora = irmão de Dora = sr K

ou

Freud = pai de Dora

Freud = mãe de Dora

Freud = irmão de Dora

Freud = sr K

Do mesmo modo, também todas as figuras de parentesco estão em Dora. Tal é facilmente reconhecido, pois é a própria rapariga que as expõe no seu discurso. Sob a forma de uma asserção quantificada, teríamos:

Todas as figuras de parentesco estão em Dora

Esta situação seria representada da seguinte maneira:

Dora = pai de Dora = mãe de Dora = irmão de Dora = Sr. K

ou

Dora = pai de Dora

Dora = mãe de Dora

Dora = irmão de Dora

Dora = Sr. K

Neste momento devemos fazer a seguinte observação: ao postularmos as equivalências acima reproduzidas, postulámo-las de acordo com uma das indicações básicas da definição do inconsciente dadas por Freud, segundo o qual no inconsciente não só o espaço e o tempo, mas também a lógica

clássica formal aristotélica estão dele excluídos. Naturalmente, se assim interpretássemos a concepção freudiana, facilmente concluiríamos que não faria sentido postular uma equivalência como por exemplo:

Freud = pai de Dora = Sr. K = Dora

Significaria isto que enquanto Freud desempenhasse no inconsciente de Dora os papéis que o seu pai e o Sr. K desempenharam, Dora desempenhá-los-ia também.

Mas já teríamos outra compreensão da situação se a representação fosse como se segue:

Freud = pai de Dora

Dora = mãe de Dora

Ou seja, Dora representa Freud enquanto seu próprio pai *se e apenas se* desempenhar o papel da sua própria mãe. Dora seria então a «esposa» de Freud, tal como a sua mãe foi a esposa do seu pai.

Vamos concluir, então:

Dora está em Freud e Freud está em Dora
na condição de

Se Freud representa uma figura de parentesco de Dora, então Dora representa outra figura complementar.

A inferência dedutiva das figuras de parentesco mais relevantes durante uma análise teria sempre em atenção a existência de modelos mentais implícitos e explícitos. Vejamos o seguinte exemplo:

Freud = Pai de Dora

Dora = Sr. K

O modelo mental explícito caracterizar-se-ia pelo desempenho, por parte de Freud, do papel de pai de Dora (linha superior / coluna do meio). O modelo mental implícito caracterizar-se-ia pela identidade entre o sr K e Freud, identidade baseada em última análise no facto de ambos ocuparem o lugar do pai de Dora. O modelo completo, no qual os parêntesis curvos representam as figuras implícitas, seria representado como se segue:

Freud = Pai de Dora (= Freud)

(Sr. K) = Dora = Sr. K

Em resumo, a condicional «se Freud representa uma figura de parentesco, então Dora representa outra diferente» pode ser traduzida através das premissas silogísticas quantificadas:

Todas as figuras de parentesco de Dora estão representadas em Freud.

Todas as figuras de parentesco estão em Dora.

Dora está em Freud.

E, numa bi-condicional, “Freud representa uma figura de parentesco *se e só se* Dora representa outra figura complementar”.

Vamos supor, agora, que cada figura de parentesco com a qual Dora representa Freud assume o valor $\neg F$, isto é, $D = \neg F$, e Freud representa Dora como $\neg D$, isto é, $F = \neg D$. As igualdades $F = D$ e $D = F$ significariam que ambos se representavam através da mesma figura em determinado período da análise o que não faria sentido, como vimos através do mero exemplo segundo o qual quando Freud representa o papel de «pai de Dora», Dora não representa o papel de «pai de Freud», mas sim de «mãe de Dora» mediante o qual se representa como «esposa de Freud» (se Dora é a própria «mãe» que está casada com o pai, então está casada com Freud que é o «pai»).

Então, os modelos mentais envolvidos seriam:

D F

...

(se há uma figura parental em Dora, então há uma figura parental em Freud)

Nesta condicional temos dois modelos mentais. O conteúdo do modelo não está explicitado, mas permite considerar as possibilidades de o antecedente ser falso, através do símbolo «...» (cf Johnson-Laird, 2000: 20).

Os seus modelos completos explícitos seriam:

D F

$\neg D$ F

$\neg D$ $\neg F$

No caso da bi-condicional «há uma figura parental em Freud, *se e só se* há uma figura parental em Dora», o modelo mental explícito seria:

D	F
$\neg D$	$\neg F$

O que significaria que não havendo figuras parentais representadas nem em Dora nem em Freud, não haveria transferência. Mas isso foi o que Freud constatou, não por não ter havido transferência, mas por Freud não ter descoberto a tempo o modo de a trabalhar correctamente. E o modo correcto de jogar a transferência significa, aqui, saber com que figuras parentais Dora representa Freud e Freud representa Dora. Já sabemos que não são as mesmas, mas complementares ($F = \neg D$ e $D = \neg F$). Mas como traduzir isto em modelos mentais? Voltamos novamente às asserções quantificadas.

Todas as figuras de parentesco de Dora estão em Freud

Todas as figuras de parentesco estão em Dora

É equivalente a

Algumas figuras de parentesco de Dora estão em Freud

Algumas figuras de parentesco de Freud estão em Dora

A asserção quantificada «Algumas figuras de parentesco de Dora estão em Freud» seria representada segundo os modelos mentais:

D	F
---	---

...

As figuras não estão totalmente explicitadas no modelo. A sua explicitação completa ficaria como se segue:

D	F
D	$\neg F$
$\neg D$	$\neg F$

A última asserção é falsa, pois tem que haver figuras representadas quer em Dora, quer em Freud. Logo, os modelos mentais ficariam como se segue:

D

F

...

E o modelo explícito seria:

D $\neg F$

$\neg D$ F

Ou seja, há figuras que Dora não representa em Freud e figuras que Freud não representa em Dora. Já vimos isto: são as figuras complementares – se Freud joga o papel de «pai de Dora», Dora não joga o papel de «pai de Freud» mas o de «esposa de Freud» através do modelo mental implícito na figura «mãe de Dora». Os diversos pares de figuras nos modelos mentais correspondentes a cada linha (*arrow*) no elenco completo de todas as figuras de parentesco invocadas numa análise poderiam, portanto, simular as diversas configurações do processo transfero-contratransferencial.

Concluímos, de toda a simulação acima exemplificada a partir do contra-factual de Freud, que diversos modelos mentais estiveram implícitos no fenómeno transferencial. Talvez os modelos mentais que Freud usou explicitamente – o papel de pai relativamente autoritário na escolha do marido certo para uma adolescente – tornasse implícitos outros modelos mentais que Dora não conseguiu explicitar na análise - uma adolescente não tem que ter forçosamente um marido, escolhido num mundo de homens. Mas se considerássemos o estado de coisas nesta perspectiva, talvez precisássemos de uma explicação complementar nos termos de uma teoria dos esquemas pragmáticos com uma análise de deónticas em função de permissões e obrigações.

Pretendemos, sobretudo, chamar a atenção para uma suposição de base que quase sempre está implícita na psicanálise, segundo a qual, o inconsciente não joga com os princípios de identidade, não-contradição e terceiro excluído. Esta suposição deveria, talvez, ser matizada nos termos da teoria dos modelos mentais a fim de evitar a conclusão sub-reptícia de que o inconsciente seria uma espécie de segunda lógica desafiadora da

lógica tradicional. Talvez o inconsciente consista numa série de leituras sobre conteúdos traduzidos em diferentes modelos egoicos. Talvez, em alguns casos, onde estavam modelos mentais implícitos (id) passem a estar modelos mentais explícitos (ego) ¹⁰⁴.

CAPÍTULO 4

O presente capítulo visa abrir uma outra perspectiva de análise do caso Dora. Insere-se no capítulo das teorias complementares à teoria dos modelos mentais, de Johnson Laird, mais particularmente nas denominadas teorias do contrato social. Cosmides (*Cosmides, 1989) parece ter sido uma das autoras que mais contribuíram neste domínio.

O nosso intuito é, por agora, fazer uma breve observação que se prende com um dos postulados básicos da teoria de Cosmides à luz do caso Dora. Segundo Quelhas, *De acordo com Cosmides (...) todas as regras do contrato social são regras de permissão e de obrigação, e não o contrário. Uma regra de permissão só é também uma regra de contrato social quando os sujeitos interpretam a acção a realizar como um benefício, e a pré-condição a satisfazer como um custo* (Quelhas, 2000: 53)

Cosmides defende que é o racional (estrutura custo/benefício que caracteriza os contratos sociais) fornecido aos sujeitos que atribui um objectivo social à tarefa (Quelhas, 2000: 55)

Ora, a estrutura da neurose histérica de Dora é à partida um desafio às regras do contrato social se neste incluirmos as regras de obrigação e permissão que visam regular a vida social. Objectivamente Dora faz uma acusação ao mundo dos homens: eles «trocam» as mulheres segundo um contrato que visa satisfazer as suas necessidades e não as delas. O pai de Dora estava realmente interessado no amor da Sra. K, e o Sr. K estava realmente interessado no amor de Dora. Freud constatou e aprovou. Posteriormente vacilou e introduziu a componente homossexual de Dora dirigida à sra K. Mas foi objectivo em tentar deslocar Dora em direcção ao

¹⁰⁴ Onde estava o id, ali estará o ego. É uma obra de cultura (Freud, 1996d: 84)

Sr. K. E neste ponto, Freud talvez tenha pactuado com o contrato social-sexual vigente num meio dominado por homens. Mais curiosos devemos ficar quando sabemos que as sociedades ditas elementares praticam abertamente a troca de mulheres regulada por homens ao ponto de estruturarem as suas relações sociais em complexos sistemas de casamento (permitidos ou obrigatórios) nelas baseados (Lévi-Strauss, 1973). Se estes sistemas de casamento fizerem parte de uma dimensão deontica eventualmente projectados em esquemas pragmáticos, então seria possível que Dora estivesse dominada por esquemas pragmáticos em conflito com os esquemas pragmáticos de Freud (baseados num contrato social masculino). A questão inevitável, seria: nesse caso como explicar o caso Dora em termos de modelos mentais?

Outra observação prende-se com o protesto neurótico de Dora. Se o racional humano fôr uma estrutura baseada no algoritmo custo/benefício na obtenção do máximo benefício com o mínimo custo, então a histeria de Dora é irracional. Os sintomas histéricos de Dora constituem um custo directo para ela, e um custo indirecto para o pai. A não ser que admitamos que o benefício retirado consiste precisamente no maior custo possível infligido às pessoas mais significativas? Mas então não estariam aqui envolvidas componentes sádicas? Como encarar o sadismo nas teorias do contrato social? Corresponderá o desafio ao algoritmo custo/benefício, na forma custo/maior custo, ao «ganho secundário proveniente da doença», em Freud (cf Freud, 1996g: 102)?

São questões a considerar.

CONCLUSÃO

O caso Dora, central no surgimento da psicanálise, marca pela negativa a importância do fenómeno da transferência no processo da cura analítica: Dora interrompeu abruptamente o processo analítico em curso e Freud reconheceu, mais tarde, o seu erro em não ter dado atenção à transferência.

Estando, ainda então, por revelar toda a importância do processo transferencial-contratransferencial no âmbito da relação analista-analisando, julgamos importante tentar inferir quais os modelos mentais de Dora e de Freud que entraram em confronto e que, por não serem reconhecidos, dificultaram a detecção cognitiva da transferência. Se notarmos bem, o facto de nos colocarmos neste contexto abre a possibilidade do fornecimento de uma perspectiva complementar ao estado actual das relações entre ciência cognitiva, terapia cognitiva e psicanálise. Pois se a tradição psicanalítica adquiriu aversão à dimensão cognitiva da terapia e a terapia cognitiva à terapêutica psicanalítica, então a detecção de eventuais modelos mentais conflituosos pode dar, por contraposição, uma medida mais realista ao poder da transferência na reconciliação do antagonismo entre os mesmos. Dito de outro modo, o que faltou a Freud em termos de consciência cognitiva parece faltar agora à terapia cognitiva em termos de processo transfero-contratransferencial. Segundo Quelhas e Power,

“Pensamos assim que a terapia cognitiva necessita de ser enriquecida com uma focalização nos aspectos inter-pessoais da relação terapêutica, i.e., necessita focar-se mais na aliança terapêutica, na transferência e na contra-transferência; bem como necessita ultrapassar o registo limitado e limitante da abordagem do «aqui e agora» (Quelhas & Power, 1991: 51)

E em termos de crítica paradigmática, *As três áreas: ciência cognitiva, terapia cognitiva e psicanálise, devem escolher cooperar entre si em vez de se destruírem na competição.* [(Power & Champion in (Quelhas & Power, 1991: 51)].

Bibliografia

- ARIETI, S. (1974). *Interpretation of Schizophrenia*. New York: Basic Books.
- CHENG, P. W., & *HOLOYAK, K. J. (1985). Pragmatic reasoning schemas. *Cognitive Psychology*, 17, 391-416.
- CHENG, P. W., & *HOLOYAK, K. J. (1989). On the natural selection of reasoning theories. *Cognition*, 33: 285-313.

- COSMIDES, L. (1989). The Logic of Social Exchange: Has natural selection shaped how humans reason? *Cognition*, 31, 187-376.
- FREUD, S. (1996a). *A Interpretação dos Sonhos* (Primeira Parte) (1900), Vol IV. In S. FREUD (Ed.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de FREUD, S (Vol. 1-24) (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, S. (1996b). *A Interpretação dos Sonhos* (Segunda Parte) (1900-1901), Vol V. In S. Freud (Ed.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 1-24) (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, S. (1996c). *Análise Terminável e Interminável* (1937). In S. Freud (Ed.), *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros Trabalhos* (1937-1939), Vol XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, S. (1996d). Conferência XXXI – *A Dissecção da Personalidade Psíquica*. In S. FREUD (Ed.), *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros Trabalhos* (1932-1936), Vol XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, S. (1996e). *Esboços para a “Comunicação Preliminar”* de 1893, 1940-41 (1892). In S. Freud (Ed.), *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos*, Vol I. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, S. (1996f). *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria*, 1905 (1901). In S. FREUD (Ed.), *Um Caso de Histeria, Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade e Outros Trabalhos* (1901-1905), Vol VII (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1996g). *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, 1926 (1925), in S. Freud (Ed.), *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos*, (1925-1926), Vol XX (Vol. XX, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago.
- GIROTTO, V., JOHNSON-LAIRD, P. N., LEGRENZI, P., & SOMINO, M. (2000). Reasoning to Consistency: How people resolve logical inconsistencies. In J. A. Garcia-MADRUGA & N. CARRIEDO & M. J. GONZÁLEZ-LABRA (Eds.), *Mental Models in Reasoning*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- *JOHNSON—LAIRD, P. N. (1983). *Mental models: Towards a cognitive science of language, inference and consciousness*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JOHNSON—LAIRD, P. N. (1992). *A Capacidade para o Raciocínio Dedutivo*. In R. J. Sternberg (Ed.), *As Capacidades Humanas* (pp. 194-216). Porto Alegre: Artes Médicas.

- JOHNSON—LAIRD, P. N. (2000). The Current State of the Mental Model Theory. In J. GARCIA-MADRUGA & CARRIEDO & M. J. GONZÁLEZ-LABRA (Eds.), *Mental Models in Reasoning*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- * JOHNSON—LAIRD, P. N., & *Byrne, R. M. J. (1993). *Précis of deduction*. *Behavioral and Brain Sciences*, 16: 323-380.
- JUHOS, C., QUELHAS, A. C., & SENOS, J. (2003). Pensamento contrafactual na depressão, in AAVV (Ed.), *Psychologica, Revista da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra – Raciocínio e linguagem*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1973). *Les Structures Élémentaires de la Parenté* (4ª ed.). Paris, La Haye: Mouton & Co.
- QUELHAS, A. C. (2000). *Raciocínio Condicional - Modelos mentais e esquemas pragmáticos*. Lisboa: ISPA.
- QUELHAS, A. C., & Power, M. (1991). Raciocínio Dedutivo na Depressão. *Análise Psicológica*, (IX), nº1, IX, 43-52.
- VON DOMARUS, E. (1944). The specif laws of logic in schizophrenia, in J. S. KASANIN (Ed.), *Language and thought in schízophrenía: Collected papers* (pp. 104-114). Berkeley: University of California Press.